

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM A PARTIR DO FILME COMO ESTRELAS NA TERRA: TODA CRIANÇA É ESPECIAL

Jeiziane da Silva Oliveira ¹

INTRODUÇÃO

As práticas docentes podem estar pautadas em diferentes concepções relativas às abordagens do processo de ensino. Mizukami (1986) apresenta uma reflexão teórica acerca de cinco abordagens. Na perspectiva tradicional, o conhecimento é transmitido a partir de relação vertical, seguindo modelos de aprendizagem padronizada. Na comportamentalista o conhecimento resulta da experiência planejada, com controle comportamental e foco em objetivos que geram mudanças. A abordagem humanista dá ênfase às relações interpessoais, considera o sujeito, envolve autonomia e o conhecimento resulta do processo experiencial humano. A cognitivista enfatiza os processos cognitivos, sendo o conhecimento produto das trocas entre homem e mundo, envolve inteligência, assimilação e aprendizagem partindo de si mesmo. Por fim, a sociocultural busca a ação do sujeito ativo no conhecimento, por meio da consciência crítica e da problematização, tendo a perspectiva da educação como ato político.

Entretanto, de acordo com Leite e Kager (2009) é possível notar que as práticas docentes e, especialmente, a avaliação da aprendizagem escolar, predominantes no cotidiano ainda parecem estar embasadas no modelo teórico tradicional, no qual a educação atua como um mecanismo que mantém e reproduz as condições sociais. Em consonância, Chueiri (2008) aponta que a avaliação, traduzida em prática escolar, está longe de ser uma atividade neutra, ela é dimensionada por um modelo teórico de educação, de ciência e de mundo.

Dentro dessa perspectiva, o modelo tradicional da avaliação escolar define a classificação de indivíduos como a principal função do ato de avaliar, atribuindo notas ou conceitos, estimulando a memorização e reprodução de assuntos, reafirmando julgamento de valor segundo padrões e desencadeando consequências negativas como estigmas e preconceito, sendo utilizada como instrumento fortalecedor de imposições, autoritarismo e ameaça (LEITE; KAGER, 2009). Com base no exposto, esta análise está alicerçada em discussões acerca do filme Como estrelas na Terra: toda criança é especial, associadas ao

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, jeisaolivieri@gmail.com

conteúdo estudado em sala de aula, com o objetivo de promover a reflexão em torno da importância da prática docente inclusiva, da articulação entre aspectos cognitivos e afetivos no processo de ensino e aprendizagem, bem como estimular a discussão em torno da avaliação da aprendizagem, visto que as práticas e concepções avaliativas são passíveis de gerar condições aversivas à aprendizagem e à formação geral do estudante, o qual pode, inclusive, reproduzir futuramente tais modelos em sua atuação como docentes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo realizado a partir das discussões fundamentadas no referencial teórico (sendo aqui utilizada parte desse material) trabalhado no componente curricular Avaliação no Contexto Educacional, no curso de Licenciatura em Pedagogia, em articulação ao filme Como estrelas na Terra: toda criança é especial - uma produção de Aamir Kahn, lançada em 2007.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na perspectiva de Leite e Kager (2009), a relação entre estudante e conhecimento é marcada pela interdependência entre aspectos cognitivos e afetivos, fato que realça a importância das decisões pedagógicas assumidas pelo professor, já que a qualidade da mediação pedagógica pode interferir no ensino-aprendizagem. A afetividade em sala de aula vai além da relação de proximidade afetiva direta, envolve também considerar as condições disponíveis para o estabelecimento de conexões entre aluno e conteúdos, criando meios para adequar o andamento das atividades às possibilidades, limitações e dificuldades desse sujeito.

No cotidiano da sala de aula, a avaliação da aprendizagem se faz presente na vida de todos aqueles envolvidos com ações e práticas educativas, sendo um recurso necessário na construção do indivíduo e da sua vida, não apenas escolar, mas de modo geral (LUCKESI, 2000). Ao assumir o lugar de avaliador, o professor interpreta e atribui sentidos e representações no tocante à avaliação, refletindo suas concepções, suas vivências e seus conhecimentos (CHUEIRI, 2008). Entretanto, muitas escolas adotam um modelo de avaliação que contribui para avigorar as dificuldades traduzidas em baixo rendimento, exclusão interna do aluno, repetência e até evasão (LEITE; KAGER, 2009). A concepção de avaliar em função de medir mudanças comportamentais e quantificar resultados, apoia-se na racionalidade

instrumental do Positivismo (CHUEIRI, 2008). Desde a disposição espacial, a organização de fileiras, disciplinas, conteúdos e as normas, é possível notarmos manifestações do processo de hierarquização. Nesse contexto, os princípios da avaliação se amparam no exame, um dispositivo para o controle, punição, segregação, exclusão e fragmentação em relação aos indivíduos e ao conhecimento. Predomina a classificação e a instituição de valores e poder, a favor de interesses educativos, sociais e políticos (CARMINATTI; BORGES, 2012).

As práticas aversivas, tais como controle de corpos, inflexibilidade, postura autoritária, ameaçadora, preconceituosa e excessivamente fiscalizadora de professores, auxiliares e diretores, excesso de cobranças e determinações em momentos de avaliação, realização de avaliações como punição, geram efeitos que podem acompanhar o aluno durante muito tempo em sua trajetória, a exemplo do medo, ansiedade, sensação de incapacidade, baixa autoestima, perda de motivação, desânimo, frustração, deterioração da relação sujeito-objeto, aversão por disciplinas e distanciamento professor-aluno (LEITE; KAGER, 2009).

Em sentido oposto ao modelo supracitado, os princípios da avaliação mediadora, apontada por Hoffmann (1994), propõem superar o paradigma de transmitir-verificar-registrar, na medida em que preconizam a reflexão e desafiam o professor ao favorecimento de trocas com seus alunos, ultrapassando a crença da transmissão de saberes e buscando a facilitação da compreensão efetiva dos conteúdos estudados. Chueiri (2008) ressalta que a avaliação com sentido formativo está voltada para a apropriação dos saberes pelo aluno, através da mediação do professor, em consideração à pluralidade, às diferenças e à flexibilidade.

Luckesi (2000) advoga a avaliação amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, a qual difere dos exames, que são excludentes e seletores. Para ele, a avaliação deve acolher, visando o melhor resultado possível, ao invés de julgar previamente, excluir ou deixar à margem. É preciso diagnosticar, constatar, abrir espaço para a relação dialógica. Ademais, o autor ressalta a importância de se estabelecer os dados essenciais a serem coletados na avaliação e os instrumentos a serem utilizados verdadeiramente como recursos de coleta dos referidos dados, para que assim, seja configurado o estado de aprendizagem do educando.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora haja traços da abordagem educacional comportamentalista, especialmente na modelação do comportamento, visto que é esperada uma mudança do garoto ao matriculá-lo

em um colégio interno e ajustá-lo ao que é compreendido como desejável, nota-se no filme a prevalência da educação tradicionalista abordada por Mizukami (1986), na qual as crianças são apenas receptoras, que absorvem passivamente os conteúdos vindos dos professores, os mestres detentores do saber. Há muita cobrança, foca-se muito na necessidade de que os alunos tenham bom desempenho e espera-se que eles reproduzam. A prática imposta e internalizada como natural se apoia no princípio da repetição. Eles não são estimulados a refletir, questionar, participar das aulas com efetividade e nem encontram espaço para fala de modo espontâneo. Sempre há uma base limitante, um ponto de partida restritivo impedindo a liberdade de expressão, há um modelo que deve ser seguido por todos. Ao personagem Ishaan, ao chegar na nova escola, é recomendado que esteja sempre perto e literalmente ao lado do Rajan (tido como melhor aluno da turma) pois isso irá lhe fazer bem, poderá observar, ser estimulado a imitar e ser bem visto como ele. Aqui se destaca a comparação entre os sujeitos e a expectativa de se manter um padrão, além do julgamento (que acontece ao longo da maior parte do filme) daquele que é “diferente”.

Associada a essa abordagem de educação, predomina a concepção de avaliação como instrumento de medida e que compara as crianças, aquelas que alcançam o desempenho esperado são as melhores em relação às outras, em semelhança ao que Chueiri (2008) aponta sobre a classificação que segue a lógica excludente, rotulando os bons, ruins, capazes, incapazes e delimitando seus lugares na escola. Assim, o Ishaan (que não consegue memorizar e reproduzir, nem obtém boas notas), é estigmatizado como mau aluno. Para Leite e Krager (2009), os professores acabam tratando os alunos de acordo com esses rótulos e com as ideias criadas em relação aos mesmos, se afastando da prática inclusiva.

No longa-metragem não há uma relação de proximidade entre professor e aluno, observa-se um formalismo baseado em autoritarismo e até punição, como na cena em que é exigido do aluno a representação de linhas retas ou receberá 5 palmatórias em consequência do erro. Ishaan era punido tantas vezes, a ponto de um colega lhe perguntar o motivo de lhe colocarem de castigo o tempo todo.

Ademais, o personagem é visto como disperso, desinteressado, o que acontece frequentemente em nossas escolas quando os estudantes são rotulados sem que se leve em consideração as suas particularidades e as razões dos seus problemas de aprendizagem e, principalmente, enquanto nada é feito no sentido de compreendê-los e buscar alternativas de resolução. Luckesi (2000) infere que é preciso um diagnóstico para que se chegue a uma decisão e que esses dois fatores (diagnóstico e decisão) devem estar articulados e

indissociáveis no processo de avaliação. A concepção de avaliação presente no filme é focada no exame, colocada em lugar elevado no processo, em consonância ao que é observado por Carminatti e Borges (2012), as quais, citando Foucault, abordam o exame como expressão da hierarquia para vigiar, qualificar, classificar e punir, sendo os indivíduos diferenciados e sancionados, constituindo-se como um dispositivo para controle, disciplina e exclusão.

Entretanto, com a chegada de um novo professor, os alunos podem entrar em contato com uma prática diferente em termos de interação, participação e expressão nas aulas. Uma cena em destaque, é quando os garotos, acostumados com os direcionamentos sobre tudo que deveriam fazer nas atividades, inclusive nas mais simples, acham estranho o fato de o professor demonstrar que valoriza a imaginação deles e não estabelece um ponto de partida para que façam um desenho, deixando, portanto, a atividade como uma produção livre e autônoma. Apesar da hierarquia entre as disciplinas e por ser a matéria de Artes, logicamente, uma das menos importantes nessa classificação, o novo professor traz para a escola uma perspectiva distinta, considerando os alunos como sujeitos, relevando suas potencialidades e colocando-os no centro do processo, pontos característicos da concepção de educação humanista.

A partir daí o professor volta seu olhar para as possibilidades de compreender Ishaan, até concluir que se tratava de um caso de dislexia, e indo contra comentários negativos e preconceituosos, inclusive contra a “solução” mais cômoda para o colégio, que seria sugerir uma escola especial, se disponibiliza a acompanhar o garoto e desenvolve estratégias de ensino adaptadas às suas necessidades, atuando como mediador e facilitador da aprendizagem pautando-se nos princípios humanistas que estavam na base da sua prática. Além disso, ele reconhece a potencialidade do aluno, acredita na possibilidade de aprendizagem, considerando sua subjetividade, através de princípios da concepção educativa cognitivista e evidenciando a importância da correlação entre aspectos cognitivos e afetivos. Corroborando com Luckesi, em oposição ao exame (excludente e classificatório), a avaliação é inclusiva, amorosa, dinâmica e construtiva. Assim, muitas vezes os instrumentos de avaliação são inadequados e, equivocadamente, levam a julgamentos, tachando os alunos como incompetentes. Desse modo, o professor atuou acolhendo as dificuldades de Ishaan, ultrapassando os moldes avaliativos vigentes e adaptando sua forma de avaliar. Adicionalmente, ele percebeu e estimulou as habilidades do menino e possibilitou que estas fossem reconhecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como estrelas na Terra é uma grande produção, tocante à nossa sensibilidade, sobretudo por chamar a atenção discente, como futuros professores, para que possamos estar atentos aos nossos estudantes, às subjetividades, às demonstrações de dificuldades e à necessidade de repensarmos a prática docente. O filme gera a reflexão de que é preciso ponderação diante das carências formativas e do cotidiano da profissão, da reprodução de métodos e práticas educacionais sem o olhar acolhedor, que possamos evitar julgamentos, e principalmente, que não nos tornemos profissionais que apenas apontam e não atuam em sentido inclusivo e com princípios humanistas.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem, Práticas pedagógicas, Concepções educacionais.

REFERÊNCIAS

CARMINATTI, Simone Soares Haas; BORGES, Martha Kaschny. Perspectivas da avaliação da aprendizagem na contemporaneidade. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 52, p. 160-178, maio/ago. 2012.

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. Concepções sobre a avaliação escolar. **Estudos em avaliação educacional**, v. 19, n. 39, p. 49-64, jan./abr. 2008.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento. Série Ideias, n. 22. São Paulo: FDE, 1994. p. 51-59.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; KAGER, Samantha. Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 109-134, jan./mar. 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Pátio**. Porto Alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12, fev./abr. 2000. Disponível em: <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: E.P.U, 1986.

TAARE zameen par: every child is special. Direção: Aamir Khan. Índia. 2007. (Disponibilizado em aula).